

VITIMIZAÇÃO ESCOLAR

SCHOOL VICTIMIZATION

Daniele Cristina Fernandes **PIRKEL**¹, Gilberto **PASCOLAT**², Marcela Cunha da **SILVA**³.

Rev.Méd.Paraná/1332

Pirkel DCF, Pascolat G, Silva MC. Vitimização Escolar. Rev. Méd. Paraná, Curitiba, 2013;71(1):7-13.

RESUMO - Comparação entre duas escolas de Curitiba do fenômeno *bullying*—uma pública e outra particular— com o intuito de verificar a presença do fenômeno diante de um caso hipotético, dando ênfase à diferença de comportamento entre os sexos, assim como entre as escolas. Elaboração de um questionário, cuja composição são onze perguntas de múltipla escolha e uma pergunta subjetiva, sobre um caso hipotético de um adolescente que é vítima de *bullying*, com posterior aplicação nas duas escolas. Não foi encontrada diferença comportamental significativa entre os sexos de nenhuma das escolas. Porém, houve maior presença do fenômeno na escola particular, sendo que nesta grande parte dos alunos (49%) relatou que não saberia dizer se seria amigo da vítima, enquanto que no colégio público, a maioria dos estudantes (66%) respondeu que seria. Além disso, ao serem questionados quanto a presença de vitimização em suas salas, a maioria dos estudantes do colégio público negou (68%), enquanto que na escola particular a maioria (59%) afirmou que havia, porém não seria ele próprio. Quando foram indagados sobre a possibilidade de namorar a vítima, a maioria absoluta das duas escolas (61% na pública e 75% na particular) respondeu que não. A maior frequência do *bullying* em escolas particulares foi constatada. Os alunos de ambas as escolas relutam em afirmar que concordam com a prática da vitimização, porém quando são questionados sobre o possível namoro com a vítima, grande número deles responde que não se envolveria afetivamente, o que demonstra o preconceito.

DESCRIPTORIOS - *Bullying*, Vitimização, Escolas, Alunos.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema crescente em todo mundo, particularmente entre os jovens, que aparecem nas estatísticas como os que mais matam e os que mais morrem. O tema violência contra crianças e adolescentes deve ser associado ao ambiente no qual ele é mais frequente e visível: o ambiente escolar^{1,2}.

O *bullying* e a vitimização representam dois tipos de envolvimento em situações de violência dentro dessa faixa etária. O *bullying* é a agressão como forma de afirmação de poder interpessoal, já a vitimização ocorre quando o mais suscetível recebe a agressão de outra pessoa mais poderosa^{1,3}.

Bullying é o conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetidas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Geralmente é executado dentro de uma relação desigual de poder^{4,5}.

O *bullying* pode ser considerado como uma forma de abuso infantil, visto que se trata de um abuso de poder, no qual a vítima sofre repetidamente as consequências do comportamento agressivo de outros, porém não dispõem de recursos ou habilidades para reagir. Suas características incluem aspecto físico mais frágil, medo, insegurança, submissão e baixa autoestima^{6,7}. Já o agressor apresenta atitude hostil, desafiadora e agressiva não somente com quem tem sua mesma faixa etária, mas também com pais e professores, além de ter autoestima alta⁸.

As crianças que são vítimas de *bullying* podem se apresentar relutantes a frequentar a escola, além de se isolarem até mesmo em casa. Elas queixam-se de uma variedade de sintomas, tais como: desmaios, vômitos, cefaleias e convulsões. Com frequência elas chegam a ter ideais suicidas⁶.

As consequências da conduta *bullying* alcançam todos os envolvidos, em especial, a vítima que

Trabalho realizado na Faculdade Evangélica do Paraná.
1 - Residente de pediatria do Hospital Evangélico do Paraná
2 - Professor de pediatria do Hospital Evangélico do Paraná
3 - Acadêmica de medicina da Faculdade Evangélica do Paraná

pode continuar a sofrer seus efeitos negativos, além do período escolar. As relações de trabalho, constituição familiar e criação de filhos, podem ser prejudicadas, além de acarretar malefícios para a saúde física e mental de quem sofre o *bullying*⁹.

Quem causa a vitimização também merece atenção, visto que eles estão aprendendo, desde a infância, a terem comportamento dominador perante outras pessoas. Além disso, eles estão mais sujeitos a terem uma vida criminosa quando adultos⁶.

O objetivo deste trabalho foi realizar uma pesquisa em duas escolas do município de Curitiba- uma pública e uma particular- com o intuito de identificar o *bullying* entre os alunos, bem como avaliar o comportamento destes jovens diante de um caso hipotético de vitimização escolar, observando se há diferença de comportamento entre os sexos dentro da mesma escola e se há diferença de comportamento entre as escolas.

MÉTODO

Foi elaborado um questionário, com onze perguntas de múltipla escolha e uma pergunta subjetiva, sobre um caso hipotético de um adolescente que era vítima de *bullying* em sua escola. Esse jovem foi denominado de “Aguinaldo” para facilitar o desenvolvimento do caso para os alunos. Ele sofria vitimização, pois usava óculos, era obeso e apresentava ginecomastia.

A questão subjetiva solicitava que os alunos opinassem a respeito do processo de vitimização que “Aguinaldo” sofria.

Este questionário foi aplicado em duas escolas do município de Curitiba, uma pública e outra particular,

após o consentimento das respectivas direções, durante o período de dois meses. Os alunos cursavam as 7^a e 8^a séries do ensino fundamental e 1^a e 2^a séries do ensino médio.

As respostas eram individuais e não havia necessidade de identificação pessoal. Era necessário somente citar o nome da escola, para distinguir se pública ou particular na análise dos dados, a série cursada e o sexo.

Os resultados obtidos no estudo foram descritos por frequência e percentuais e apresentados em tabelas. Para comparar o tipo de escola e gêneros em relação às distribuições de respostas às questões, foi considerado o teste de Qui-quadrado. Valores de $p < 0,05$ indicaram significância estatística. Os dados foram analisados com a planilha Excel.

RESULTADOS

O número total de questionários respondidos foi de 371. Na escola pública 186 alunos foram avaliados sendo que destes 100 (54%) eram meninas e 86 (46%) eram meninos. Na escola particular 185 alunos foram avaliados sendo que destes 96 (52%) eram meninas e 89 (48%) eram meninos.

Na questão número 2 ocorreu um erro de interpretação pelos alunos. Somente os alunos que haviam marcado “não” como resposta na alternativa anterior deveriam responder a questão seguinte, porém muitos não entenderam e também responderam. Portanto, o número total de alunos que respondeu a questão 2 não coincide com os que responderam “não” na alternativa anterior.

Resultados da comparação entre tipo de escola (pública ou particular)

QUESTÃO 1: VOCÊ SERIA AMIGO DE “AGUINALDO”?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Sim	122 (66%)	71 (38%)
Não	12 (6%)	23 (12%)
Não sei	52 (28%)	91 (49%)
Valor de p	<0,001	

QUESTÃO 2: SE VOCÊ RESPONDEU “NÃO”, PORQUE NÃO SERIA AMIGO DELE?

Resposta	Pública (n=38)	Particular (n=33)
Muitos defeitos	5 (13%)	8 (24%)
Ele se isolou	27 (71%)	19 (58%)
Meus amigos	6 (16%)	6 (18%)
Valor de p	0,419	

QUESTÃO 3: VOCÊ CHAMARIA ELE PRA ENTRAR NO SEU TIME DE FUTEBOL OU VÔLEI NA PARTIDA DE DECISÃO?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Sim	97 (52%)	71 (38%)
Não	26 (14%)	43 (23%)
Sem outra opção	63 (34%)	71 (38%)
Valor de p	0,013	

QUESTÃO 4: SE “AGUINALDO” FOSSE DE SUA TURMA E LEVASSE UM TOMBO, VOCÊ IRIA:

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Rir	147 (79%)	117 (63%)
Rir muito	39 (21%)	68 (37%)
Valor de p	0,001	

QUESTÃO 5: SE VOCÊ FOSSE MENINA, VOCÊ NAMORARIA “AGUINALDO”?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Sim	33 (18%)	18 (10%)
Não	114 (61%)	139 (75%)
Com ajustes	39 (21%)	28 (15%)
Valor de p	0,013	

QUESTÃO 6: SE VOCÊ RESPONDEU “NÃO” NA QUESTÃO ANTERIOR, PORQUE NÃO NAMORARIA “AGUINALDO”?

Resposta	Pública (n=114)	Particular (n=139)
Comentários	19 (17%)	25 (18%)
Muitos defeitos	14 (12%)	8 (6%)
Não consigo aceitar	81 (71%)	106 (76%)
Valor de p	0,186	

QUESTÃO 7: EXISTE ALGUM “AGUINALDO” NA SUA TURMA?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Sim, eu	4 (2%)	6 (3%)
Sim, não eu	56 (30%)	109 (59%)
Não	126 (68%)	70 (38%)
Valor de p	<0,001	

QUESTÃO 8: CASO EXISTISSE, OU SE EXISTE, ALGUM “AGUINALDO” NA SUA TURMA VOCÊ O OFENDERIA, HUMILHARIA OU AGREDIRIA FISICAMENTE?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Sim, uma vez	17 (9%)	48 (26%)
Sim, sempre	9 (5%)	20 (11%)
Não	160 (86%)	117 (63%)
Valor de p	<0,001	

QUESTÃO 9: QUE TIPO DE COLEGA VOCÊ ADMIRA?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Popular	17 (9%)	17 (9%)
Boas notas	11 (6%)	11 (6%)
Companheiro	149 (80%)	148 (80%)
Só qualidades	9 (5%)	9 (5%)
Valor de p	1	

QUESTÃO 10: CONSIDERANDO QUE VOCÊ É UM ADOLESCENTE, O QUE VOCÊ ACHA SOBRE A ATITUDE DOS COLEGAS EM RELAÇÃO AO “AGUINALDO”?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Muito normal	52 (28%)	55 (30%)
Muito errado	130 (70%)	122 (66%)
Faria o mesmo	4 (2%)	8 (4%)
Valor de p	0,434	

QUESTÃO 11: SE VOCÊ FOSSE O “AGUINALDO” COMO REAGIRIA DIANTE DESTA SITUAÇÃO?

Resposta	Pública (n=186)	Particular (n=185)
Ignorar	52 (28%)	47 (25%)
Isolar-me	28 (15%)	25 (14%)
Procurar amigos	61 (33%)	76 (41%)
Procurar adultos	45 (24%)	37 (20%)
Valor de p	0,417	

Resultado da comparação entre meninos e meninas considerando cada tipo de escola (pública e particular)

QUESTÃO 1: VOCÊ SERIA AMIGO DE “AGUINALDO”?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Sim	70 (70%)	53 (62%)	46 (48%)	25 (28%)
Não	6 (6%)	5 (6%)	10 (10%)	13 (15%)
Não sei	24 (24%)	28 (33%)	40 (42%)	51 (57%)
Valor de p	0,427		0,022	

QUESTÃO 2: SE VOCÊ RESPONDEU “NÃO”, PORQUE NÃO SERIA AMIGO DELE?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=19)	Meninos (n=19)	Meninas (n=12)	Meninos (n=21)
Muitos defeitos	3 (16%)	2 (11%)	3 (25%)	5 (24%)
Ele se isolou	12 (63%)	15 (79%)	5 (42%)	14 (67%)
Meus amigos	4 (21%)	2 (11%)	4 (33%)	2 (10%)
Valor de p	0,549		0,200	

QUESTÃO 3: VOCÊ CHAMARIA ELE PRA ENTRAR NO SEU TIME DE FUTEBOL OU VÔLEI NA PARTIDA DE DECISÃO?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Sim	59 (59%)	38 (44%)	40 (42%)	31 (35%)
Não	8 (8%)	18 (21%)	16 (17%)	27 (30%)
Sem outra opção	33 (33%)	30 (35%)	40 (42%)	31 (35%)
Valor de p	0,023		0,089	

QUESTÃO 4: SE "AGUINALDO" FOSSE DE SUA TURMA E LEVASSE UM TOMBO, VOCÊ IRIA:

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Rir	93 (93%)	82 (95%)	96 (100%)	82 (92%)
Rir muito	7 (7%)	4 (5%)	0 (0%)	7 (8%)
Valor de p	0,718		0,016	

QUESTÃO 5: SE VOCÊ FOSSE MENINA, VOCÊ NAMORARIA "AGUINALDO"?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Sim	14 (14%)	19 (22%)	13 (14%)	4 (4%)
Não	63 (63%)	52 (60%)	70 (73%)	69 (78%)
Com ajustes	23 (23%)	15 (17%)	13 (14%)	16 (18%)
Valor de p	0,293		0,090	

QUESTÃO 6: SE VOCÊ RESPONDEU "NÃO" NA QUESTÃO ANTERIOR, PORQUE NÃO NAMORARIA "AGUINALDO"?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=63)	Meninos (n=52)	Meninas (n=70)	Meninos (n=69)
Comentários	8 (13%)	12 (23%)	10 (14%)	16 (23%)
Muitos defeitos	5 (8%)	7 (13%)	2 (3%)	7 (10%)
Não consigo aceitar	50 (79%)	33 (63%)	58 (83%)	46 (67%)
Valor de p	0,166		0,063	

QUESTÃO 7: EXISTE ALGUM "AGUINALDO" NA SUA TURMA?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Sim, eu	2 (2%)	1 (1%)	5 (5%)	1 (1%)
Sim, não eu	31 (31%)	25 (29%)	58 (60%)	52 (58%)
Não	67 (67%)	60 (70%)	33 (34%)	36 (40%)
Valor de p	0,856		0,239	

QUESTÃO 8: CASO EXISTISSE, OU SE EXISTE, ALGUM "AGUINALDO" NA SUA TURMA VOCÊ O OFENDERIA, HUMILHARIA OU AGREDIRIA FISICAMENTE?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Sim, uma vez	8 (8%)	8 (9%)	26 (27%)	22 (25%)
Sim, sempre	10 (10%)	1 (1%)	9 (9%)	11 (12%)
Não	82 (82%)	77 (90%)	61 (64%)	56 (63%)
Valor de p	0,039		0,786	

QUESTÃO 9: QUE TIPO DE COLEGA VOCÊ ADMIRA?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Popular	7 (7%)	10 (12%)	4 (4%)	5 (6%)
Boas notas	3 (3%)	9 (10%)	5 (5%)	7 (8%)
Companheiro	83 (83%)	65 (76%)	83 (86%)	70 (79%)
Só qualidades	7 (7%)	2 (2%)	4 (4%)	7 (8%)
Valor de p	0,058		0,550	

QUESTÃO 10: CONSIDERANDO QUE VOCÊ É UM ADOLESCENTE, O QUE VOCÊ ACHA SOBRE A ATITUDE DOS COLEGAS EM RE-LAÇÃO AO “AGUINALDO”?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Muito normal	25 (25%)	26 (30%)	22 (23%)	32 (36%)
Muito errado	74 (74%)	57 (66%)	72 (75%)	51 (57%)
Faria o mesmo	1 (1%)	3 (3%)	2 (2%)	6 (7%)
Valor de p	0,335		0,028	

QUESTÃO 11: SE VOCÊ FOSSE O “AGUINALDO” COMO REAGIRIA DIANTE DESTA SITUAÇÃO?

Resposta	Pública		Particular	
	Meninas (n=100)	Meninos (n=86)	Meninas (n=96)	Meninos (n=89)
Ignorar	25 (25%)	28 (33%)	17 (18%)	33 (37%)
Isolar-me	23 (23%)	5 (6%)	22 (23%)	3 (3%)
Procurar amigos	29 (29%)	31 (36%)	40 (42%)	30 (34%)
Procurar adultos	23 (23%)	22 (26%)	17 (18%)	23 (26%)
Valor de p	0,013		<0,001	

Respostas da questão subjetiva

a) Alunos que manifestaram indignação diante do sofrimento de “Aguinaldo”:

“É uma falta de respeito o que fazem com ele.”

“Pode até zoar, mas nunca chegar ao extremo.”

“Ninguém merece passar por isso.”

“A situação é patética, grande falta de educação.”

b) Alunos que se compadeceram:

“Ele deve estar se sentindo muito mal.”

“Deve ser difícil para ele.”

“Ele deve estar se sentindo sozinho.”

“Ele pode ser gordo, mas quem sabe ele não é uma pessoa legal?”

“Não deve ser bom ficar isolado, eu não queria estar no lugar dele.”

c) Alunos que revelaram ser ou ter sido vítima de *bullying*:

“Eu já passei por isso, porque já fui bem gordo.”

“Até a 4ª série eu era C.D.F., só pararam de me zoar porque entrou um aluno novo no colégio.”

“Eu sofro humilhações e provocações dos meus colegas, porque estudo e presto atenção nas aulas.”

“Quando eu era pequena, eu era a patinha feia da tur-

ma, ganhei vários apelidos, fiquei mal, mas recuperei a confiança, e vi que os outros não eram tudo aquilo que pareciam ser.”

d) Alunos que reconheceram em outros colegas o papel de “Aguinaldo”:

“Conheci uma pessoa que era feia, usava óculos, era órfão, pobre e todos tiravam com a cara dele.”

“No condomínio os meninos deram um apelido para o meu irmão, só porque ele faz ginástica olímpica.”

“Esse tal de Aguinaldo está na minha sala, a gente chama ele de Pipi, mas eu não sei o porquê. Sempre vejo os outros o maltratando, e eu já o maltratei também.”

“Ele é fanho e tem nariz torto, é super esquisito, uma vez deram uma caixa com sabonete, cotonete e shampoo, para ver se ele melhorava de aparência.”

“Meu primo é assim, ele falta escola porque tiram sarro dele.”

e) Alunos que tentaram explicar porque “Aguinaldo” sofre vitimização e como ele deveria agir:

“Ele não sabe aceitar brincadeiras, ele deveria bater em quem faz isso com ele.”

“Ele não deve se isolar.”

“No mundo temos dois caminhos, eu recorri a minha mãe, e o outro é a paciência.”

“Ele deve estar sofrendo, uma forma agressiva de *bullying*, mas com o tempo ele superará isto.”

“O menino vive uma fase complicada, mas temporária, é apenas uma questão de se acostumar.”

“O Aguinaldo deve fazer academia, ficar sarado e causar inveja nos que o maltratam.”

“Ele deve se defender, ter atitude, ser agressivo.”

f) Alunos que não se compadeceram:

“Conheço um Aguinaldo e sempre o deixo de lado.”

“A vida é assim. Alguns nascem com sorte e outros não. Pena dele! Esse tipo de doença tem que tratar também no psicológico, melhor internar o Aguinaldo.”

DISCUSSÃO

Existe uma grande divergência em relação à incidência do *bullying* entre os estudos. Em uma pesquisa realizada em parceria com a Universidade de Keele, do Reino Unido, foram analisadas 25 escolas, sendo que 75% dos alunos foram em algum momento vítimas do *bullying*, porém somente 7% deles sofrem graves e repetidas vitimizações¹⁰. Já em outro estudo, este brasileiro, realizado em uma escola do Rio Grande do Sul, mostrou que 26,57% dos alunos já haviam se envolvido em alguma situação de *bullying*¹¹.

Devido à alta incidência deste fenômeno, principalmente nas escolas, onde essa forma de violência tem aumentado progressivamente, vários trabalhos têm investigado as suas principais características. Uma das particularidades a cerca do tema, encontrada na literatura, se trata sobre a diferença entre a vitimização quando ocorrida entre meninos ou meninas. Os meninos tendem a se envolver mais nesse tipo de situação, enquanto as meninas são menos envolvidas. Além disso, quando ocorre no sexo feminino, tende a ser uma vitimização mais indireta, em forma de exclusão social. Em contrapartida, entre os meninos, a vitimização geralmente apresenta um componente agressivo¹¹. Entretanto, no presente estudo, não foi encontrada diferença comportamental significativa entre ambos os sexos.

A semelhança de opinião entre os gêneros é verificada na décima questão, a qual indagou o que os alunos pensavam a respeito das atitudes dos colegas de “Aguinaldo”. A maioria dos estudantes da escola particular, 57% dos meninos e 75% das meninas, afirmou que eram ações muito erradas, mostrando-se contrários ao *bullying* ($p=0,028$).

Outra questão que reafirma o comportamento semelhante entre crianças de sexos diferentes é a décima primeira, a qual interrogou como seria a reação dos alunos caso sofressem vitimização. A maioria dos estudantes da escola pública, 36% dos meninos e 29% das meninas, afirmou que reagiria procurando amigos em primeiro lugar ($p=0,013$). Resposta esta bastante similar à encontrada na escola particular, onde a maioria das meninas (42%) afirmou que também recorreria aos amigos inicialmente, enquanto os meninos se mostraram

mais divididos, sendo que 34% deles procurariam os amigos, e, 37% iriam ignorar a situação ($p<0,001$).

Em estudo realizado pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas pela infância), em parceria com a FLACSO (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais), na Argentina, revelou que o *bullying* é mais frequente nas escolas frequentadas por alunos de alta classe social. De acordo com os resultados da pesquisa, nas escolas privadas, 13,2% dos alunos disseram que já foram vítimas de crueldade dos colegas, enquanto que entre as escolas públicas, esse número é de 4,3%¹². Esta mesma conclusão foi observada neste estudo, o qual evidenciou maior frequência do *bullying* na escola particular.

Ao serem questionados em relação à possibilidade de serem amigos de “Aguinaldo” (primeira pergunta), a maioria dos estudantes da escola pública (66%) disse que seria. Enquanto que entre os alunos da escola particular, a resposta ficou mais dividida, sendo que 49% disseram que não sabiam responder e 38% disseram que seriam ($p<0,001$). Na terceira questão, a qual indagava a possibilidade de “Aguinaldo” fazer parte do time em jogo de decisão, na escola pública 52% disseram que aceitariam, enquanto que na escola particular a taxa dos que responderam que aceitariam e dos que aceitariam somente se não houvesse outra opção melhor empatou em 38% ($p=0,013$). Essas duas questões mostram que os alunos da escola particular apresentaram maior relutância para aceitar a participação de “Aguinaldo” entre as atividades normais deles.

A sétima pergunta interrogou presença de algum aluno vítima de *bullying* na sala de aula dos estudantes. A maioria dos alunos da escola pública negou (68%), enquanto que na escola particular a maioria (59%) disse que havia, porém não seria ele próprio ($p<0,001$). Na sequência, questionou-se caso eles ofenderiam, agrediriam ou humilhariam esse colega vítima de discriminação. A maioria deles respondeu que não, 86% na escola pública e 63% na escola particular ($p<0,001$).

Porém na quinta questão, a qual questionou se o aluno, caso fosse menina, namoraria com “Aguinaldo”, a maioria absoluta dos alunos das duas escolas, respondeu que não, sendo 61% na pública e 75% na particular ($p=0,013$). Isso demonstra o preconceito quando a questão é se envolver afetivamente com a pessoa hipotética, já que quando a relação é somente de amizade, as respostas tenderam a ser mais amenas.

CONCLUSÃO

Demonstrou-se, através do questionário realizado entre as duas escolas, que a prática do *bullying* é mais frequente entre os alunos da escola particular em comparação com a pública, o que coincide com o já presente na literatura. Porém, não foi encontrada diferença comportamental significativa entre ambos os sexos.

Apesar da maioria dos estudantes de ambas escolas se mostrarem contra a discriminação e negarem

praticar agressões físicas ou verbais contra colegas de classe, muitos deles ficaram em dúvida se chamariam a vítima para integrar seu time. Além disso, a questão que abordou sobre o eventual relacionamento afetivo

com a vítima, ratificou a existência de preconceitos entre as crianças. O que demonstra que os alunos relutam em afirmar que concordam com a prática do *bullying*.

Pirkel DCF, Pascolat G, Silva MC. School Victimization. Rev. Méd. Paraná, Curitiba, 2013;71(1):7-13.

ABSTRACT - Comparison between two schools in Curitiba about *bullying* phenomenon, one public and other private, in order to verify it in a hypothetical case, emphasizing the difference between the sexes and schools. Draw up a questionnaire, composed by eleven objective questions and a subjective question about a hypothetical case of a teenager who is a *bullying's* victim, and subsequent application in the schools. It was not found significant behaviour difference between girls and boys in any of the schools analysed. However, there was a higher number of phenomenon occurrences in the private school, where a big part of students (49%) reported that they could not tell if they would be friend of the victim, while in the public school, most students (66%) said they would. Moreover, when they were questioned about the presence of victimization in their classrooms, the majority of public students denied (68%), while in the private school the majority (59%) said there were, but not themselves. When they were asked about the possibility of dating a victim, the absolute majority of two schools (61% in public and 75% in particular) answered that they would not do. The *bullying* is more frequently in private schools. Students from both schools are reluctant to say that they agree with victimization process, but when questioned about relationship with victim, a large number of them answered that they would not, which shows the bias.

KEYWORDS - *Bullying*, Victimization, Schools, Students.

REFERÊNCIAS

1. Neto AAL. Bullying -comportamento agressivo entre os estudantes. *Jornal de Pediatria*; 2005. 81Supl 5:164-72.
 2. Williams K, Chambers M, Logan S, Robinson D. Association of common health symptoms with bullying in primary school children. *BMJ*; 1996.13:17-19.
 3. Craig WM, Harel Y. Bullying, physical fighting and victimization. *Health Policy for Children and Adolescents*;2004. 4:133-44.
 4. Camodeca M, Goossens FA. Agression, socil cognitions, anger and sadness in bullies and victims. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*; 2005. 46: 186-97.
 5. Lyznicki JM, Mccaffree MA, Robinowitz CB. Childhood bullying: implications for physicans. *American Family Physician*; 2004. 70 Supl 9:1723-28.
 6. Dawkins J. Bullying in schools: doctor`s responsibilities. *British Med J*; 1995. 310:274-5.
 7. Shourmer AW, Callaghan MJ, Najman JM, Bor W, Williams GM, Anderson MJ. Association of bullying with adolescent health-related quality of life. *Journal of Paediatrics and Child Health*; 2003. 39 Supl 6:436-41.
 8. Pearce JB, Thompson AE. Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Arch Dis Child*; 1998. 79:528-31.
 9. Sourander A, Helstela L, Helenius H, Piha J. Persistence of bullying from childhood to adolescence – a longitudinal 8 year follow-up syudy. *Child Abuse Negl*; 2000. 24 Supl 7:873-81.
 10. Glover D, Gough G, Johnson M, Cartwright N. Bullying in 25 secondary schools: incidence, impact and intervention. *Educational Research*; 2000. 42 Supl 2:141-56.
 11. Calbo AS, Busnello FB, Rigoli MM, Schaefer LS, Kristensen CH. Bullying-na escola: comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*; 2009. 2Supl 2:73-80.
 12. D'Angelo LA, Fernandez DR, Noel G, Pedro D, Corvaro V, Ferressini M, Arias M, Fautario P, Rey ME. *Clima, Conflictos y Violenciaem la escuela*. Argentina; 2011. 1:9-213.
-